



TENSÃO NAS AMÉRICAS

Trump “fecha” o céu da Venezuela

O presidente dos Estados Unidos anunciou, ontem, que o espaço aéreo sobre e ao redor do país comandado por Nicolás Maduro deve ser considerado inoperante para voos

Andrew Caballero-Reynolds/AFP



A todas as companhias aéreas, pilotos, traficantes de drogas e traficantes de pessoas, por favor, considerem o espaço aéreo acima e ao redor da Venezuela como fechado em sua totalidade", escreveu Donald Trump, presidente dos EUA

O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, declarou ontem que o espaço aéreo da Venezuela e seu entorno deveria ser considerado fechado, em meio a um confronto crescente com o governante local, Nicolás Maduro. Algumas horas depois, o país sul-americano denunciou a atitude do republicano como sendo uma “ameaça colonialista”, informou a chancelaria em um comunicado. Um dia antes, a imprensa anunciou que Maduro e Trump conversaram por telefone e falaram sobre uma possível reunião entre os dois.

“A todas as companhias aéreas, pilotos, traficantes de drogas e traficantes de pessoas, por favor, considerem o espaço aéreo acima e ao redor da Venezuela como fechado em sua totalidade”, escreveu Trump em sua rede Truth Social, sem comentar nenhum detalhe. Em contrapartida, o texto publicado pelo chanceler Yván Gil destacou que, “a Venezuela denuncia e condena a ameaça colonialista que pretende afetar a soberania de seu espaço aéreo (...), uma nova agressão extravagante, ilegal e injustificada contra o povo da Venezuela.”

O comunicado destacou que a Venezuela “não aceitará ordens, ameaças, nem interferências provenientes de qualquer poder estrangeiro”. Também alertou que esta decisão provocará a suspensão dos voos de repatriação realizados regularmente entre os Estados Unidos e a Venezuela.

“Por meio desta ação, o governo dos Estados Unidos suspendeu, de maneira unilateral, os

voos de migrantes venezuelanos que eram realizados regularmente no âmbito da repatriação de venezuelanos”, acrescentou. Cerca de 75 viagens aéreas foram realizadas este ano, com pelo menos 13.956 sul-americanos deportados dos Estados Unidos.

Desde o início de setembro, o governo Trump aumentou a pressão sobre a Venezuela com uma grande mobilização militar no Caribe, que incluiu o maior porta-aviões do mundo. O presidente americano afirmou que seu objetivo é interromper o tráfico de drogas procedente do país sul-americano, mas Caracas declarou que Washington busca, na verdade, uma mudança de regime.

Conforme José Niemeyer, professor de relações internacionais do Ibmecc, no Rio de Janeiro, a nova ação de Trump não está nas mãos dos Estados Unidos, é uma decisão do governo da Venezuela fechar ou não o espaço aéreo. “Quando o republicano fala dessa forma, ele está querendo deixar claro que vai utilizar de aviação militar de ataque numa tentativa de derrubar ou de interferir no processo político venezuelano. Mas ele não vai controlar o espaço aéreo do outro país. Quem controla o espaço aéreo venezuelano é a Força Aérea local, que, inclusive, tem uma tecnologia de aviões importados da Rússia.”

Para o especialista, uma tentativa de tomada da Venezuela, que é um país grande, pelos Estados Unidos, é algo que, diante das atuais dinâmicas internacionais, não seria uma ação simples. “Vai

ser muito difícil para os EUA invadirem um país que conta com mais de um milhão de milicianos, além das Forças Armadas locais. Essas pessoas são muito ligadas a Maduro, dão a vida por ele. Então, qualquer tentativa, após um possível ataque contra alvos específicos na Venezuela, contra meios militares, ou contra embarcações e aviões no espaço aéreo venezuelano, eu

acho muito complicado.” Do começo da mobilização militar até agora, as forças americanas mataram pelo menos 83 pessoas em mais de 20 ataques contra supostas ‘narcolanchas’ no Caribe e no leste do Pacífico. No entanto, Washington não apresentou nenhuma evidência de que as embarcações atingidas eram utilizadas para transportar drogas ou

representavam uma ameaça aos Estados Unidos. Para aumentar a tensão, Trump advertiu no início da semana passada que os esforços para conter o narcotráfico venezuelano “por terra” começariam “muito em breve”. Nos últimos dias, um site de rastreamento de aviões registrou uma atividade constante de caças americanos a poucas dezenas de

quilômetros da costa venezuelana. A República Dominicana, vizinha da Venezuela, autorizou na semana passada que as forças americanas utilizem instalações aeroportuárias como parte de sua mobilização, enquanto Trinidad e Tobago foi cenário recentemente de exercícios do Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos. As tensões regionais aumentaram diante da campanha militar.

Voos suspensos

As autoridades do setor de aviação dos Estados Unidos afirmaram na semana anterior que as aeronaves civis que operam no espaço aéreo venezuelano deveriam “agir com precaução” devido à “situação de segurança que piora e à atividade militar intensificada dentro ou ao redor da Venezuela”. O alerta de Trump motivou a suspensão de voos para e a partir do país de seis companhias aéreas que representam grande parte do tráfego na América do Sul.

A medida deixou Caracas enfurecida. O Instituto Nacional de Aeronáutica Civil (Inac) da Venezuela revogou as licenças de operação no país de seis companhias: a espanhola Iberia; a portuguesa TAP; a colombiana Avianca; a filial colombiana da chileno-brasileira Latam; a brasileira GOL; e turca Turkish. O governo de Maduro acusa as operadoras aéreas de adesão “às ações de terrorismo de Estado promovidas pelo governo dos Estados Unidos” e suspendeu “unilateralmente suas operações aerocomerciais”.

EUROPA

Petroleiro russo sob ataque

A Rússia interrompeu as atividades de um dos principais petroleiros do país, ontem, após um ataque com drones navais da Ucrânia. O bombardeio aconteceu pouco antes dos novos diálogos entre americanos e ucranianos para pôr fim à guerra. A reunião acontece hoje, nos Estados Unidos, segundo um representante

do governo americano. Devem participar do encontro o secretário de Estado americano, Marco Rubio, e o enviado especial do presidente Donald Trump, Steve Witkoff. No entanto, o novo encontro foi ofuscado pela destituição do braço direito do presidente ucraniano, Volodimir Zelensky, que deveria li-

derar a delegação de seu país, e pela troca de hostilidades entre os dois lados. Ainda ontem, parte do país acordou sob intensos ataques de drones e mísseis russos, que mataram três pessoas e causaram danos em vários edifícios de Kiev, segundo as autoridades. Os ataques noturnos manteve-

ram muitos moradores acordados durante a noite, e deixaram meio milhão de residências sem eletricidade na capital, informou o Ministério da Energia. “Ouvimos uma explosão muito forte”, contou Natalia Shkoda, de 43 anos. “Meu marido disse: ‘Pode ter atingido nosso carro’. E quando fui lá fora, o vi em

chamas”, acrescentou. O chefe da administração militar da cidade, Timur Tkachenko, denunciou o ocorrido como “uma tentativa por parte dos russos de pura e simplesmente aterroriza a população civil”. Também no sábado, drones navais atacaram um importante terminal petrolífero no porto russo de Novorossiysk, no sul do país e nas margens do Mar Negro. O Consórcio do Oleoduto do Cáspio (CPC), proprietário do terminal que inclui grupos americanos como Chevron e

ExxonMobil, denunciou a ação como “um ataque terrorista”. A Ucrânia não fez comentários, nem reivindicou essa ação. Por outro lado, assumiu a responsabilidade pelos ataques contra dois petroleiros no Mar Negro, que completaram o transporte do petróleo russo. Os dois navios foram atingidos por explosões em frente à costa turca na sexta-feira à tarde, indicou o Ministério dos Transportes do país europeu. Um deles foi atacado novamente no sábado.

Paulo Delgado



contato@paulodelgado.com.br

A TRISTE SINA DAS GUINÊS

Antes que Luís de Camões, em *Os Lusíadas*, pudesse celebrar que “Do mar temos corrido e navegado, / Toda a parte do Antártico e Calisto, / Toda a costa Africana rodeado, / Diversos céus e terras temos visto”, os portugueses precisaram de preparação, indagação e imaginação sobre o que encontrariam nos diversos céus e terras para além-mar. Segundo diversos relatos, o infante D. Henrique, impulsionador inicial das grandes navegações, perguntava insistentemente aos mouros de Ceuta acerca “das coisas do interior do sertão da terra” africana. Essa diligência lhe foi proveitosa, pois, por meio deles, viu como se conectavam diferentes regiões do continente africano e onde começava a região que mouros e berberes conheciam como Guiné. Pois bem, o tempo passou e a região da Guiné se dividiu em vários reinos redesenhados e renomeados pela

colonização e, muito mais tarde, também pela descolonização. De todo modo, como atestado da força do nome, hoje ainda existem três países que carregam o nome Guiné na África Ocidental: a Guiné Equatorial, a Guiné-Bissau e a República da Guiné, também conhecida como Guiné-Conacri. No meio da semana que passou, uma das três Guinês ficou em evidência por conta da mais recente volta da triste sina de tragédia política que acomete, de modos distintos, cada uma delas, além de muitos outros países da portentosa África, a qual foi, às vezes, segue sendo tão maltratada e explorada por tanta gente diferente, tanto de lá mesmo quanto por muitos forasteiros. Nesse caso específico, um dia antes do anúncio previsto dos resultados provisórios de uma disputada eleição presidencial na Guiné-Bissau, um grupo de oficiais das Forças Armadas

declarou ter tomado o poder, detendo figuras políticas centrais, incluindo o presidente e candidato à reeleição, Umaro Sissoco Embaló, bem como responsáveis pelo processo eleitoral. Em comunicado, os oficiais afirmaram ter constituído um “Alto Comando Militar para a Restauração da Ordem”, que assumiria o governo desse país historicamente propenso a golpes. Dado que as Forças Armadas bissau-guineenses são notoriamente fragmentadas, permanece incerto se os golpistas contam com o apoio dos principais comandantes e de suas respectivas tropas. O pequeno país da África Ocidental, com cerca de dois milhões de habitantes e refém de uma participação exagerada dos militares na política, tem sido, há anos, um corredor estratégico para redes nacionais e estrangeiras de narcotráfico que utilizam o território como escala para o mercado ilícito europeu. A já protelada votação realizada no domingo passado, tinha o presidente em exercício — agora possivelmente afastado pelo golpe e já refugiado no vizinho

Senegal — enfrentando um concorrente bastante competitivo. Some-se a isso, o fato de que nas últimas três décadas, nenhum presidente conseguiu, enquanto estava no cargo, obter um segundo mandato consecutivo. Numa das histórias de pior desarranjo institucional que ocorre nas últimas décadas mundo afora, é também fato de que desde 1974, ano em que conquistou a independência de Portugal, a Guiné-Bissau já foi abalada por pelo menos nove golpes e tentativas de golpe. Alguns observadores destacam, ainda, que Umaro Embaló recorre frequentemente à produção de crises políticas como pretexto para medidas repressivas. Ademais, durante o seu governo, relatos apontam para uma intensificação do narcotráfico, fenômeno que reforça a vulnerabilidade institucional do país. O general anunciado como novo líder da Guiné-Bissau era, até o golpe, chefe da própria Guarda Presidencial do presidente Embaló, o que sugere, no mínimo, algum grau de continuidade entre os segmentos das Forças Armadas que tomaram o poder

e o núcleo presidencial. Quem está “dentro” e quem está “fora” desse arranjo ainda não está claro, mas o principal candidato a disputar a presidência contra Umaro Embaló afirma que se trata de uma forma de autogolpe. De fato, a não ser que tenha ocorrido uma grande traição sem um maior ato de violência contra o traído, Umaro Embaló, que também é general do Exército, continua a ter vários de seus homens de confiança à frente do poder em Bissau. Aparentemente, quando Embaló soube que perdera as eleições, viu nessa manobra a chance de manter poder por vias diversas, através do grupo que governava com ele. A Guiné-Bissau é membro da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), sediada em Lisboa. O imbróglcio deve arrastar a CPLP, uma vez que a presidência rotativa dessa organização internacional dos países falantes da língua de Camões, encontra-se justamente com a Guiné-Bissau, a princípio de 2025 até 2027.

PAULO DELGADO, sociólogo